

Vitor Constancio



Da geração Constâncio ao regresso
de Freitas ao CDS

1988

Em Portugal tudo se compra, com um Mercedes preto, um motorista para todo o serviço e uma secretária de carne
(Dito de um político cimeiro)

O Estado é um aparelho, não é uma individualidade. O Estado tem funções e não tem mais coisa nenhuma, nem bens, nem crenças, nem opiniões. O Estado tem a obrigação restrita de ser pobre com tem obrigação de ser ateu... Quando o Estado se constitui protector torna-se objecto de uma superstição grosseira e perigosa
(Ramalho Ortigão em 1882)

● **Da eleição de Bush à retirada soviética do Afeganistão.** Quando entra em vigor a liberdade total de capitais na CEE e começa a retirada dos soviéticos do Afeganistão (15 de Maio), François Mitterrand, apesar da existência de um governo de direita, consegue ser reeleito (8 de Maio), enquanto nos Estados Unidos também é escolhido um novo presidente, George Bush (8 de Novembro), o tal que Alberto João Jardim há-se qualificar como perigoso *maçon*, líder de um grupo que pretende assaltar o negócio das bananas na Madeira. No ano dos Jogos Olímpicos de Seul, surge o cessar-fogo entre o Irão e o Iraque (8 de Agosto), com Portugal e Espanha a serem também admitidos na UEO (14 de Novembro). A *perestroika* continua a produzir os seus frutos, com destaque para os acordos de Paz para o Afeganistão, assinados em Genebra (14 de Abril) e a consequente começo da retirada militar soviética (15 de Maio). No plano soviético, depois de ser anunciada a instauração de um *Estado Socialista de Direito* na URSS (23 de Maio), surge uma reforma constitucional, com a qual criado o Congresso dos Deputados do Povo (01 de Dezembro).

● **Ascensão e queda das grandes potências** (Paul Kennedy). Entretanto, realiza-se a última cimeira entre Reagan e Gorbachev, agora em Moscovo (29 de Maio), quando se analisa *the rise and fall of the great powers* (Paul Kennedy), a *révolution des droits de l'homme* (Marcel Gauchet), em que alguns prevêem, talvez erradamente, a decadência da superpotência norte-americana. Mas continua a falar-se na *sociedade de massa*, com o declínio do individualismo e o *regresso das tribos* (Maffesoli), enquanto Pierre Legendre lança *Le Désir Politique de Dieu*.

● **Novas lideranças políticas: uns saem, outros regressam** – Congresso do CDS na Póvoa do Varzim (31 de Janeiro), com o regresso de Diogo Freitas do Amaral à presidência e a negociada saída de Adriano Moreira, que, em contactos com a CIP, ainda tenta mobilizar Daniel Proença de Carvalho para gerir o *alvará* do partido. Convenção do

PRD, com a demissão de Eanes e a eleição de Hermínio Martinho para a presidência (29 de Maio). Vítor Constâncio demite-se da liderança do PS (27 de Outubro).

● **Turbulências** – Fracassa greve geral convocada pela CGTP e pela UGT (28 de Março). O pretexto é o combate ao *pacote laboral* que pretende introduzir alguma

flexibilidade na rigidez do contrato de trabalho. Aparece morto na Malveira da Serra o líder da RENAMO, Evo Fernandes (21 de Abril). Um soldado da GNR faz uma chacina na parada do quartel da Ajuda (23 de Novembro). Quatro mortos e quinze feridos. São silenciadas as rádios locais que emitiam sem autorização, de acordo com a nova lei da rádio (24 de



Dezembro).

● **Jornais e política**

– Novo semanário. Iniciada a publicação de *O Independente*, dirigido por Miguel Esteves Cardoso² e Paulo Portas, com a administração de Luís Nobre Guedes e os fundos

financeiros mobilizados por Miguel Pais do Amaral (20 de Maio). Privatização de *A Capital*, com a compra do jornal por Pinto Balsemão (7 de Setembro). Surge o jornal *Europeu*, ligado ao anismo (10 de Novembro). Uma década e meia volvida, as sementes lançadas pelos descendentes dos viscondes da Anadia e de Balsemão, os mesmos que já mandavam nos tempos do príncipe regente, levam a que os representantes das duas tradicionais famílias se transformem nos principais donos do poder na comunicação social portuguesa, comandando as televisões privadas e

podendo controlar decisivamente a opinião pública e a luta política, ao escolherem os comentadores que hão-de interpretar aquilo que os mesmos decretam como a *direita e a esquerda* da democracia. Quase se estabelece uma espécie de condomínio entre estes fidalgos de sempre e a nascente burguesia dos *novos ricos* da província, a quem é deixado o controlo dos clubes de futebol e do dirigismo federativo, duas das principais redes, em torno das quais se feudalizam os novos dirigentes políticos, onde se recrutam governantes e deputados. Não é por acaso que, no Norte, são importantes o chamado *grupo da sueca*, na zona do PSD e do CDS, e que o comendador Gomes, um dos principais amigos do general Eanes, está intimamente ligado a Pinto da Costa que, por sua vez, aposta nas boas relações com dirigentes do PS.

● **Comunistas** – Vital Moreira crítica a direcção do PCP (16 de Janeiro). Zita Seabra é afastada da comissão política do PCP (6 de Maio). XII Congresso do PCP, sob o lema *uma democracia avançada no limiar do século XXI* (4 de Dezembro).

● **Incêndio no Chiado** reduz a cinzas prédios e espaços comerciais da Baixa lisboeta. A zona levará cerca de 10 anos a ser reabilitada (25 de Agosto).

● **Eleições regionais**. PSD mantém a maioria absoluta (9 de Outubro).

📖 Ortigão, Ramalho (*Farpas*, VI): 123, 124.

● **A moda anti-ideológica** – Entre os panglóssicos situacionistas e os eternos revirralhistas, esse que são sempre do contra, há muitos portugueses que consideram que o situacionismo se assemelha a um gigante de pés de barro assente nas areias movediças de um deserto de ideias. Porque é tão maquiavélico não olhar a meios para se atingirem os fins, como divinizar os meios sem procurar saber-se de fins, transformando os meios nos próprios fins. Ora, não há dúvida que a ascensão de Cavaco Silva ao poder maioritário exprimiu uma espécie de revolta popular contra os excessos ideológicos da revolução e da pós-revolução. Também não há dúvida que o presidente do PSD continua a ter a simpatia de uma maioria emocional de portugueses cansados de promessas por cumprir. Só que o excesso de anti-ideologia acaba por ser tão nefasto quanto o havia sido o excesso de ideologismo esquerdista. A nova moda anti-ideológica traz consigo uma onda de ideologias inequivocamente ultrapassadas, desde o positivismo utilitarista do século XIX, que até tinha a *ordem* e o *progresso* como divisa, à ideologia tecnocrática deste século. Do mesmo modo, quando se defende a ordem pela ordem, tanto se sofre daquilo que Fernando Pessoa diagnosticou como o *preconceito da ordem*, como pode estar a servir-se uma ideologia *ordinalista*. Tal situacionismo, que apenas gosta de qualificar-se como do centro, se tem o apoio de muitas antigas direitas e de algumas antigas e modernas esquerdas, apenas está à espera de

teorizadores que elevem à categoria de sistema a aparente fragmentação dos respectivos sinais. Pensemos por exemplo no constante apelo à *aurea mediocritas*, procedente do marcelismo e que propulsionou o soarismo e o *socialismo de consumo*. Com o cavaquismo, em vez do anterior laxismo, surge, agora, uma imagem de firmeza e de rigor, sobressaindo, no entanto, o mesmo apelo aos apetites do homem comum, sem que se procure uma adequada pedagogia cívica, tendo em vista fazer elevar as emoções da média sociológica à grandeza de uma acção de Estado. Surgem sucessivas adesões situacionistas assumidas pelos inevitáveis gestores públicos ou publicamente nomeados. E os mesmos que foram quadros dos grupos económicos nacionalizados e leais colaboradores das posteriores empresas públicas, passam, agora, a campeões das privatizações, ocupando algumas áreas fundamentais da governação. Mantém-se, portanto, incólume certa mentalidade *banco-burocrática* que, aliada ao mercenarismo de alguns fazedores de opinião, impede que a democracia formal se transforme numa autêntica democracia de cidadãos, civicamente enraizada. Com efeito, muito do que em Portugal parece ser novidade e modernização não passa, em muitos casos, de uma *colonização cultural* de ideologias estranhas e ultrapassadas. Reflexo de certos tiques estrangeirados a que não são alheias as posições dominantes ocupadas por pós-graduados e doutorados em universidades anglo-saxónicas, principalmente nas áreas da economia e da engenharia. Se calhar, teria sido útil desviarmos algumas das verbas do Fundo Social Europeu para acções de formação da nova classe política, criando-se uma espécie de *cursos de portugalidade acelerada*, onde, à mistura com certos livros de ensinaça de príncipes, se pudessem transmitir os conhecimentos de alguns clássicos dos nosso modo de estar no mundo. Seria uma boa maneira de se comemorar o Ano Europeu do Ambiente, salvaguardando a nossa plurissecular autonomia política face aos perigos do iluminismo mercantilista e de outras formas de poluição estrangeirada.

● **A geração Constâncio** – Em 21 de Fevereiro de 1988, Vítor Constâncio reforça a sua posição no PS, vencendo uma lista dita de históricos, liderada por Maldonado Gonet e com apoio de maçons ilustres e discretos. De certa maneira, o velho PS, ainda marcado pelo espírito dos *pais-fundadores*, passa a assumir um projecto inter-geracional, que tem o sonho de se constituir como pólo aglutinador de toda a esquerda democrática portuguesa. A geração do dr. Constâncio e do engenheiro Guterres não tem quase nada a ver com a oligarquia maçónico-jacobina que costuma comemorar o 5 de Outubro e o 31 de Janeiro nos cemitérios habituais, segundo a velha liturgia da épica republicana. Os novos gestores do PS não são também dominados pelos tradicionais advogados do revirinho que iam aos congressos republicanos de Aveiro e eram os nomes crónicos nas listas de oposição ao regime salazarista. Têm também pouco do romantismo antifascista dos poetas da resistência e quase nada da pureza ideológica dos antigos marxistas-leninistas convertidos ao socialismo democrático, pela via do anti-estalinismo. É uma geração filha do catolicismo universitário dos anos sessenta, que continua a ir à missa e não tem o complexo laicista dos antigos seminaristas que depois aderiram ao Grande Oriente. Na sua grande maioria não foram presos pela PIDE, não conheceram os desteros de África nem comeram o *pão amargo* dos exílios. Nasceram para a política no crepúsculo do antigo regime, podiam ter sido democratas-cristão de esquerda, mas despertaram intelectualmente para o socialismo quando era moda ser anti-capitalista, dialogar com o marxismo e assumir as luzes do progresso. Entretanto, quando acabaram os cursos, vestiram o disfarce dos tecnocratas e até conseguiram emprego no Estado, na banca e nas assessorias dos grandes grupos económicos de então. Alguns desempenharam lugares nos gabinetes dos secretários de Estado tecnocratas de Marcello Caetano, outros dialogaram com os deputados que, então, eram ditos liberais, principalmente através da SEDES. Muitos foram militantes dos grupos organizados pelo espírito da engenheira Pintasilgo.

● **O PSD como federação de interesses** – Já o PSD corre o risco de ser o partido *do* sistema, *para* o sistema e *pelo* sistema, dado que se acentua a tendência do mesmo partido do governo deixar de ser um partido, isto é, uma simples parte da opinião pública, para procurar assumir-se como o todo, congregando tudo e mobilizando todos. Ora, como já observava José da Silva Carvalho, em 1834, a tal opinião pública *é um nome que muita gente costuma usurpar em favor da sua opinião particular. Nasce das circunstâncias, é móvel como elas e toma a cor dos partidos; é tão susceptível de erro como de verdade. Muitas vezes esclarece, muitas vezes*

necessita de ser esclarecida e sobretudo amadurecida pelo exame e pelo tempo que é o cadinho onde ela se apura. É natural que, nestas circunstâncias, se descaracterize, convertendo-se numa simples manifestação da média contabilística do eleitorado. Pragmaticamente, procura apenas exprimir os apetites do homem comum, e também corre o risco de passar a ter como objectivos as naturais flutuações desse mesmo tipo mediocrático. Sem construtivismo doutrinário e sem uma liderança de ideias, pode assim transformar-se numa simples federação de interesses, onde os programas vão a reboque das circunstâncias.

● **O deserto de ideias** – É difícil encontrar noutras épocas da nossa história contemporânea um tal deserto de ideias a nível do poder central. Os líderes da I República, apesar da *fome*, da *peste* e da *guerra*, tinham um projecto a construir. Salazar tinha, também, *uma certa ideia de Portugal*. Marcello Caetano, apesar de fazer apelo ao *homem comum* da sociedade de consumo, enquanto havia *vacas gordas*, nunca deixou de ser um homem de pensamento, embora com constantes crises de fé, especialmente no tempo das *vacas magras* da *crise petrolífera*. Vasco Gonçalves, apesar de todo o delírio revolucionário, sabia o que queria e para onde ia, mas para onde, felizmente, não fomos. Com a maioria absoluta de Cavaco Silva, talvez falte um sentido regulativo a todo este ciclo de transição, o que explica o *tabu* que faz com que o gigante da maioria absoluta se afunde nos *pés de barro* de simples questiúnculas sobre portagens. Enquanto durarem os anos de ouro, o situacionismo está protegido pelo *escudo invisível* de uma certa mediocracia, onde domina a inversão de valores, típica do *capitalismo selvagem*, onde as regras do jogo não obedeciam à lei moral, ao sentimento da honra e ao direito à esperança.

